



Dona Marcela Lacerda toma empréstimo de NCZ\$ 20 com o Frei Marcos

Debate na favela: repúdio à moratória

A população favelada, que no passado foi vítima do chamado clientelismo eleitoral, hoje está bem atenta a este tipo de discurso, observa Frei Marcos Mendes de Faria, Pároco da Igreja Nossa Senhora do Rosário, no Leme, que atende às comunidades dos morros do Chapéu Mangueira e Babilônia — ao todo, nove mil favelados. Segundo ele, as reuniões mensais da pastoral de favelas têm demonstrado que a solução da crise econômica, para seus membros, é política e deve ser encontrada através do voto.

O jargão da economia, observa Frei Marcos, é dominado por alfabetizados e analfabetos, que acreditam que o Brasil está nas mãos dos credores internacionais mas descartam a moratória da dívida por causa das represálias ao comércio exterior.

No encontro de julho, no Chapéu Mangueira, Frei Marcos viu o grupo apontar três linhas de ação para superar a crise: estreitar os laços de solidariedade entre eles; despertar nas classes mais favorecidas a cola-

boração com as comunidades carentes; e garantir a participação política direta das comunidades carentes, a fim de elaborar as leis que favoreçam estas comunidades.

Para Frei Marcos, a crise é dura: 1% dos trabalhadores ganha acima de dez salários-mínimos; 65%, até um salário-mínimo; e destes, 35% só recebem metade do mínimo.

— Outro dia encontrei um trabalhador comendo uma espiga de milho. Ele me disse que era seu jantar, que comia duas delas por dia.

Frei Marcos adverte que seu trabalho não é assistencialista. Todo dinheiro que sai, a título de empréstimo, volta. Dona Marcela Ferreira Lacerda, 73 anos, sete filhos de sangue e oito de criação e mais de dez netos, pegou NCZ\$ 20. Na véspera, jantara com quatro netos meio copo de rapadura diluída em água.

— Mas como a senhora fez para que as crianças dormissem? — pergunto o padre.

— Eu cantei — respondeu dona Marcela.